



A ideia de Liberdade cristã na obra de Agostinho de Hipona

Guilherme dos Reis Soares¹

Resumo: Trata-se de um extrato da dissertação de mestrado em Direito defendida no Programa de Pós-graduação em Direito da UFMG, em 2022, que buscou analisar como a liberdade é pensada por Santo Agostinho, dialogando com a tradição filosófica que o antecedeu, por meio do estudo de dois elementos centrais de suas obras, de um lado perfeição absoluta do Eterno e de outro da capacidade imperfeita do homem, de onde emerge o livre arbítrio enquanto possibilidade de aderir ao sumo bem ou à matéria. Passando pelo livre arbítrio, Agostinho consolida uma noção de liberdade como entrega absoluta ao elemento mais elevado, fruindo do que respectivamente necessita, para, ao fim, gozar do que efetivamente se deve, que é Deus, por meio da beatitude.

Palavras-chave: Filosofia medieval. Liberdade. Livre arbítrio. Santo Agostinho.

INTRODUÇÃO

Como um dos principais pensadores do Ocidente, Santo Agostinho, “se empenhou em amalgamar, sempre que possível, um elemento de racionalidade típico do pensamento filosófico da antiguidade, [...] com as bases religiosas do cristianismo” (SOARES, 2022, p. 13). Em diversos pontos, os resultados de seu trabalho contribuíram para a construção do Ocidente, em especial no período medieval, mas que também vai muito além dele. Uma destas contribuições mais significativas é a sua peculiar compreensão sobre a liberdade.

O texto aqui apresentado é um extrato da pesquisa desenvolvida na dissertação de mestrado em direito, defendida na Universidade Federal de Minas Gerais, em 2022, onde se buscou responder qual a ideia de liberdade que emerge do pensamento de Santo Agostinho.

De forma ampliada, a pesquisa buscou compreender como a ideia de liberdade surge para Santo Agostinho, entre elementos de grande monta, como sua visão de Deus - o Eterno, e da humanidade.

¹ Guilherme dos Reis Soares é Doutorando em Direito no Programa de Pós-graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), <https://orcid.org/0000-0002-5536-5061>, guilhermedrssoares@gmail.com

A pesquisa realizada adotou o termo “ideia”, pois não se almejava “a compreensão do pensamento do autor em um ou outro ponto específico de sua produção, mas sim como toda a produção em conjunto pode auxiliar para a compreensão do tema”(SOARES, 2022, p. 14).

Evidente, portanto, que o estudo assumiu ser possível compreender o pensamento do Bispo de Hipona como um todo coerente, mesmo que pensado de forma que respeita sua evolução, desde os escritos da juventude, até as últimas obras.

Neste sentido, pensado para além dos limites de uma ou outra obra do autor, o projeto tem sua relação com a perspectiva macro filosófica de Gonçal Mayos,

[...] uma vez que incita análises amplas da Filosofia, não só deixando nela permear os elementos culturais, políticos e históricos, mas almejando um pensar de longo tempo. Onde ao se buscar estruturas e cosmovisões na filosofia, perdem-se os pontos singulares na construção da imagem do todo. (MAYOS, 2012, p. 10; BRAUDEL, 2007, p. 15–17)

Na tentativa de exposição e apresentação de suas considerações o trabalho foi desenvolvido e exposto em três capítulos, que abordaram: o Eterno (Capítulo 1), o Humano (Capítulo 2), e a Liberdade (Capítulo 3), ordem esta que também será seguida nesta comunicação.

1 DESENVOLVIMENTO

1.1 O ETERNO

Desde sua infância, e durante todo seu processo de estudo e conversão, Agostinho almejava compreender a Deus, bem como a alma humana. Seu trajeto pelo Maniqueísmo, seu relacionamento com o ceticismo, neoplatonismo; seu contato com as pregações de Ambrósio e os escritos de Paulo fazem crescer o desejo por um estudo da Trindade, “que culmina com uma visão de Deus que aprofunda o mistério e o preenche com inimaginável complexidade”. (SOARES, 2022, p. 331)

No período da juventude em que aderiu ao maniqueísmo, Agostinho encontrou um Deus que assumido como luz corpórea, era extremamente marcado pelo materialismo (RODRIGUES, 2017, p. 24), o que gerava graves problemas, com o divino criando de sua substância, o mundano. O dualismo do maniqueísmo também defendia a natureza física do mal, que disputava com Deus o domínio e o controle sobre a criação. As promessas do maniqueísmo (RODRIGUES, 2017; SESÉ, 2011, p. 27) não foram suficientes para responder os anseios de Agostinho, que se iniciaram com a leitura de Cícero (AGOSTINHO, 1980, p. 74) - porta para a filosofia antiga (GRACIOSO, 2012, p. 11) - posteriormente ampliada com o acesso ao neoplatonismo.

Da matriz platônica Agostinho se alinha com a proposta de um cosmos criado por agente racional e benéfico (SOUZA LIMA, 2021, p. 2), o Demiurgo, onde se ancora tudo que é bom e ótimo (PLATÃO, 1986, p. 36).

Platão organiza sua teodicéia, em uma teologia racional, permeada pelo místico, e por isso os cristãos se voltam para ele quando necessitam apoio na leitura teológica.

Já no neoplatonismo de Plotino e Porfírio, Agostinho tem contato com a metafísica do Uno, onde o Bem (*Agathon*) (VAZ, 2011, p. 149–151) é considerado como causa incausada, atividade autoprodutora (AGOSTINHO, 1994, p. 119-120), de onde partem as processões. Primeiramente o indeterminado (alteridade) matéria inteligível que se volta para o uno (MARTIN DE BLASSI, 2021, p. 15-16.) e se determina em *Nous* (BRANDÃO, 2009, p. 92), a segunda hipóstase, onde há a razão de todas as coisas (ideias no sentido platônico) e o nascimento do múltiplo. Em nova emanção se determina a Alma, a terceira Hipóstase, tomada como causa produtora primigênia, princípio que vivifica a criação. Nessa emanção do incorpóreo segue o corpóreo, dando origem a sensibilidade (Alma universal – alma do mundo – almas particulares) (BARACAT JÚNIOR, 2006, p. 563 - 658; REALE, 2014, p. 78–79).

A metafísica de Plotino auxilia o Bispo de Hipona na solução do problema do mal, superando a ideia de que este possui existência própria. Inteligível é ser, e o distanciamento deste é o não ser.

Sua trajetória com a filosofia neoplatônica o reaproxima do catolicismo.

No Deus cristão, Agostinho encontrou a absoluta simplicidade, o ponto de origem do universo, a causa primeira - fonte da Eternidade de onde parte toda a criação e multiplicidade. Este Deus que personifica o sumo bem da tradição filosófica platônica, não é somente verdadeiro Ser, como a verdadeira Unidade. Uma Unidade que é Trindade. (SOARES, 2022, p. 331)

O estudo da Trindade é objeto de um tratado específico, mas também povoa todas as obras do autor, mesmo que os pontos sejam colaterais ou ligados apenas indiretamente. Em um processo de evolução constante, o Eterno vai se desvelando:

O Deus Pai que aparece como o escondido, o misterioso, a fonte primordial do Antigo testamento, que se revela por meio de seu Verbo, envia o Deus Filho, que age como intermediário entre a Unidade e a multiplicidade. Com a encarnação do Verbo, sua vida, sua morte, e ressurreição, se completa a Trindade, por meio do envio pelo Deus que é Pai e Filho, do Espírito Santo, enquanto nexo de amor – *caritas* - o laço de união perfeita. (SOARES, 2022, p. 331)

A Trindade permite uma interligação significativa com a filosofia neoplatônica, especialmente a metafísica de Plotino, “onde tudo que é engendrado, mantém a mesma natureza

do que engendra” (GILSON, 2006, p. 214; SOARES, 2022, p. 64), e com base nisso Agostinho teoriza as missões do Filho e do Espírito Santo, que só podem ser compreendidas na economia intratrinitária sob a ótica das relações, fluindo entre a essência e o acidente.

Sem a compreensão, ainda que incompleta de Deus, Agostinho não conseguiria avançar em seus estudos para compreender o homem, pois o que nele há de especial, se deve ao fato de participar em certa medida do verdadeiro Ser, como o único feito sob o molde da divindade. Ao mesmo tempo, o caminho que leva o homem até Deus, seja pela Justiça, seja pela sabedoria ou pelo amor é um caminho interno e não externo. (SOARES, 2022, p. 331)

1.2 O HUMANO

No segundo capítulo, a pesquisa analisou como “o elemento humano se estrutura no pensamento do autor, dialogando com parte da tradição filosófica, ao mesmo tempo que avançou sobre a escrituração bíblica cristã”. (SOARES, 2022, p. 18)

Neste ponto foram traçadas análises sobre o contexto cultural e história da vida de Agostinho, “que possam ter influenciado sua formação e produção filosófica - delineando em um singelo panorama da Antiguidade Tardia, traçando uma análise de vida e conversão de Santo Agostinho, enriquecida com toda sua contextualização”. (SOARES, 2022, p. 18)

Neste ponto, buscou-se demonstrar um vislumbre de como o mundo pagão foi envolvido pelo cristianismo em um ambiente imiscuído de religiosidade e misticismo, onde cristianismo e paganismo se relacionavam constantemente, com críticas e louvores múltiplos. (SOARES, 2022, p. 18)

A análise promovida por Agostinho sobre o homem também lança raízes profundas na antiguidade tardia e em elementos característicos do platonismo.

A alma humana é superior ao corpo, responsável por garantir seu controle, domínio e unidade. Ela é a sede do saber (SANTOS, 2009, p. 37), local onde se exerce a anamnese e a reminiscência do escravo *Menon*, ao mesmo tempo em que surge como pré-existente (PLATÃO, 1980a, p. 257), e imortal (PLATÃO, 1980b, p. 295) como abordada no *Fédon*.

O corpo, por outro lado, é responsável pela impureza, pelas guerras, servindo como instrumento para a alma captar os sentidos, e só com a separação do corpo a alma pode ser livre de sua influência (PLATÃO, 1980b, p. 297-298). Como na criação no *Timeu*, a alma está colocada no corpo imperfeito e não consegue dominá-lo e nem se entrega totalmente a ele.

O problema, para Agostinho, é que o cristianismo não comporta uma alma humana que estivesse presa ao corpo físico inferior, e que o corpo seja naturalmente ruim, pois toda a

criação deve ser boa, muito embora haja uma ordem absoluta no cosmos divino. (SOARES, 2022, p. 179)

Agostinho apropria do pensamento que lhe é herdado, compreende que o homem é seu ponto mais elevado, em razão da imagem e semelhança de Deus, imagem essa que é a razão humana. O homem não é Deus, pois é apenas imagem de algo, mas não a coisa em si. (VICENTE, 2010, p. 22) (AGOSTINHO, 2005)

Com isso, alma é substância racional feita para governar o corpo (GILSON, 2006, p. 101), não tem extensão e comprimento, e por isso não é corpo, sendo-lhe superior por ser ponto de contato com as ideias divinas. A alma não está presa ao corpo físico, ela o inspira.

Mesmo atuando como ponto de contato com as ideias divinas, a alma não é Deus, e assim Agostinho se afasta definitivamente do neoplatonismo. “O pensamento humano, fecundado pelas razões eternas do verbo de Deus também engendra interiormente um conhecimento verdadeiro de si mesmo”. (GILSON, 2006, p. 424–425)

O corpo, por outro lado, é porção material do todo e que é utilizado pela alma (GILSON, 2006, p. 120); não participa das ideias porque é extenso, mas por meio da sensibilidade tem seu lugar no processo de conhecimento (AGOSTINHO, 1996, p. 717-719). Não é responsável pelas sensações, mas tão somente os estímulos, é na alma que ocorre a formação da sensibilidade (CHACON, 2017, p. 138), pois a alma necessita dos estímulos do corpo, mas os estímulos não são sensações, a sensação é a atenção da alma direcionada para os estímulos.

Por outro lado, a alma humana pode se voltar para as ideias divinas e por meio delas acessar a verdade absoluta. Encontrar a verdade, não significa criar a verdade, uma alma temporal não poderia criar uma verdade eterna.

Deus é a verdade e o mestre interior do homem, responsável por guiar a razão humana na direção correta.

A iluminação não dispensa o homem de ter um intelecto racional, pelo contrário, ela pressupõe que o homem o tenha, e somente ocorre no pensamento dos inteligíveis, na atividade sensível a alma humana age sozinha, ou seja, é sobre a faculdade de julgar que a iluminação se destaca. (AGOSTINHO, 2000, p. 1053-1055, 2002, p. 68-69; GILSON, 2006, p. 120; TEIXEIRA, 2003, p. 122)

Nesta estrutura do conhecimento, o caminho para conhecer Deus é conhecer a si mesmo, Deus está no interior do Homem e lá deve ser buscado, lembrado e reconhecido.

1.3 A LIBERDADE

No terceiro e último movimento, visando delinear a maneira como a ideia de liberdade surge entre esses dois fortes pontos de gravitação, de um lado o Eterno, do outro o Humano, foram lançados breves pontos sobre a maneira como a liberdade se apresentou na tradição

filosófica, platônica e neoplatônica, para que, na sequência, se pudesse compreender o caminho do livre-arbítrio no pensamento de Santo Agostinho, que culmina na ideia de Liberdade.

Assim, foi destacada a importância do reconhecimento do *ethos* humano na segunda navegação, onde a questão da responsabilidade humana vai ganhando espaço, em uma espécie de passagem gradual do problema do destino para o problema do homem.

Em que pese os poderosos aportes do platonismo, a antiguidade não foi capaz de romper com o intelectualismo, onde conhecer é querer, de forma que a liberdade estava mais atrelada ao funcionamento da cidade. Conhecer como querer não era suficiente para Agostinho, uma vez que em sua experiência de vida, ele conhecia, mas não conseguia colocar em prática.

Ao mesmo tempo, a vontade assume seu lugar no processo de conhecimento, de contemplação e elevação do homem até as ideias, e com isso do próprio bem por meio de suas ações.

Em Agostinho, a liberdade começa a ser pensada sobre a perspectiva do mal e da vontade. Assumindo a vontade como um movimento autônomo da alma, seja em adquirir ou evitar algo, e no centro da ideia de vontade está o amor, enquanto motor do desejo. (SILVA; FIGUEIREDO, 2021, p. 121)

O pecado é um movimento defeituoso (AGOSTINHO, 1995, p. 142-144), e todo defeito é oriundo do não ser e não procede de Deus, então, só pode ser voluntário (VAHL, 2015, p. 34). Este ponto é uma oposição radical não somente ao Maniqueísmo, que atribuía ausência total de responsabilidade ao homem, mas também ao pelagianismo, que propunha tese contrária, negando a existência da graça divina.

O livre arbítrio humano é inalienável, tudo que o homem faz, o faz por vontade própria, segundo motivos específicos. Pelágio entendia que a Graça atua somente no perdão dos pecados, e não na vontade humana antes deles, o que seria negar a própria experiência da conversão de Santo Agostinho. (GILSON, 2006, p. 298)

A graça confere ao homem a eficácia verdadeira do livre arbítrio, alterando a deleitação da vontade, que sai do mal para buscar o bem. (GILSON, 2006, p. 301)

Agostinho aproxima a vontade do amor. O amor é um ponto incontornável e também o cerne de seu pensamento moral. (AGOSTINHO, 1994, p. 538-539. GILSON, 2006, p. 257)

O amor, enquanto vontade intensa, é uma realidade humana, ao passo que o problema é o que o homem deve amar, e não se ele ama algo.

Por ser obra divina, a vontade não é, *a priori*, boa ou ruim, ela pode ser usada de uma ou outra maneira, e assim surge a estrutura da moralidade cristã, para Agostinho.

“A caridade é o amor pelo que se deve amar. A caridade é uma busca pela igualdade (Unidade), suprir algo que falta a outrem, sentir por outrem o que sente por si mesmo.”

(SOARES, 2022, p. 270) Ela tem duplo viés: quanto a Deus a caridade deve ser absoluta, sem limitação. Colocar-se em posição de absoluta submissão. A caridade já antecipa a beatitude. (GILSON, 2006, p. 261)

Com isso, a liberdade surge como a vontade humana direcionada para Deus.

A liberdade necessita de segurança, e o homem não pode ter nada em segurança se valer-se do que é do mundo físico. O simples medo de perder já é suficiente para que a experiência não seja plena.

“A liberdade é teleologicamente determinada, só existindo caso a vontade seja dirigida ao fim específico”. (SOARES, 2022, p. 286) Isso arranca o livre arbítrio das garras do pecado e o transforma em liberdade por meio da Graça. “Ocorre uma espiritualização da liberdade, uma interiorização, onde as mazelas do mundo físico não são capazes de perturbar a liberdade daqueles que seguem a lei eterna de Deus”. (SOARES, 2022, p. 288)

A liberdade surge e se delinea nesses termos, como ponto de ligação entre criador e a criatura, entre Deus e o Homem, enquanto esforço de voltar o livre-arbítrio, ou a vontade, para Deus e não para o mundo, valendo-se da Graça conferida pelo Deus eterno. (SOARES, 2022, p. 288)

O problema da beatitude é saber o que o homem deve desejar para ser feliz verdadeiramente, ou seja, a plenitude é elemento central da felicidade. (SOARES, 2022, p. 19) A verdadeira felicidade não comporta perda, e por isso se deve amar somente o que não se pode perder. A conclusão é lógica, apenas Deus é eterno. (SOARES, 2022, p. 292) A busca pela beatitude é a busca pela sabedoria, que nada mais é que uma busca pela verdadeira felicidade. (AGOSTINHO, 1998, p. 28-29; GILSON, 2006, p. 20)

Nesse sentido, a beatitude aparece em relevo para Santo Agostinho, e “se estrutura em uma teleologia da liberdade - onde se permitiu compreender o todo do pensamento do autor, interligando pontos anteriormente levantados, como felicidade, sabedoria, amor, vontade e liberdade, bem como teorização da díade Cidade de Deus [...]”. (SOARES, 2022, p. 19)

Amor e liberdade, juntamente com a vontade, marcam a história humana e a teorização das duas cidades. “Dois amores fizeram as duas cidades: o amor de si até ao desprezo de Deus — a terrestre; o amor de Deus até ao desprezo de si — a celeste. Aquela glorifica-se em si própria — esta no Senhor; [...]”. (AGOSTINHO, 2000, p. 1319)

A revelação marca o início e depois disso o desenrolar da história humana até o fim último, que é a beatitude eterna, isso insere a razão de ser cada povo, e também a razão presente na história. Evidente, com isso, que a história não é vista como uma ciência, mas como uma arte. (AGOSTINHO, 1980)

Assim todo o pensamento de Agostinho se entrelaça, pois é devido ao uso e a fruição dos bens, pela aplicação do amor em cada um dos atos, que se separam os homens nas duas cidades, e não poderia ser diferente em um pensamento que tão fortemente marca o livre-arbítrio da vontade. [...] Resulta-se disso que as ideias de amor, livre arbítrio, liberdade e beatitude articulam-se no centro da compreensão das duas cidades, e da própria história, conduzindo para a cidade de Deus os cidadãos que buscam e almejam a fruição de Deus, ao mesmo passo que entregam à cidade dos homens os cidadãos que abandonam a beatitude em uma busca pelo amor das coisas terrenas. (SOARES, 2022, p. 324)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do trajeto trilhado pela pesquisa, foi possível observar, que na filosofia de Santo Agostinho, “pela primeira vez a criatura humana desprende-se dos laços que o atrelavam ao destino estabelecido pelos deuses, e é colocada como elemento capaz de ajudar a compor a trama de sua própria existência”. (SOARES, 2022, p. 329)

Ao analisar e afirmar a ideia de liberdade que surge do pensamento de Santo Agostinho, o estudo conduziu o leitor pelo contexto da tradição filosófica do Ocidente, em suas matrizes platônicas e neoplatônicas, buscando compreender como se deu o relacionamento deste manancial com a força do cristianismo nascente.

Nesta laboriosa empreitada, Agostinho “não foi um mero repetidor, ou mesmo comentador do platonismo, pois em inúmeros momentos, com ousadia e maestria, alçou voos livres; afastou-se do platonismo quase na mesma medida que dele se aproximou”. (SOARES, 2022, p. 329)

Seu anseio pela busca da verdade o fez desejoso de um pensamento que ele mesmo foi obrigado a gestar, e que responde ao contexto de sua vida. Em um mundo recém-saído do paganismo, para o florescimento verdadeiro do cristianismo se fazia necessário uma racionalização da fé, e nesta tarefa o Ocidente viu surgir a figura do Bispo de Hipona. (SOARES, 2022, p. 329)

Sem o esforço para a compreensão de Deus, “Agostinho não conseguiria avançar em seus estudos para compreender o homem, pois o que nele há de especial, se deve ao fato de participar em certa medida do verdadeiro Ser, como o único feito sob o molde da divindade”. (SOARES, 2022, p. 331)

No homem fica ainda melhor delineada a “trilha ascensional para contemplação do Eterno, que parte do exterior para o interior, e do interior ao superior” (SOARES, 2022, p. 331), neste caminho iniciado pela sensibilidade, o trajeto é interior.

Com o auxílio da concepção da Graça divina, Agostinho vislumbrou a possibilidade de romper com a ligação feita na Antiguidade, pois para ele conhecer não importava necessariamente em querer. Para Agostinho, o segundo elemento (querer) articulava-se de forma própria, e pela via do livre arbítrio, ou seja, da vontade, Agostinho encontra um novo mar de possibilidades para o Humano, que passa a ter meios para uma larga margem de ação, não somente para se conformar com a força divina, mas para inclusive desafiá-la. Agostinho encontrou o caminho que possibilitou que o homem reclamasse seu papel, quando não de autor, de coadjuvante na produção da história da humanidade. (SOARES, 2022, p. 331)

Muito embora Agostinho não tenha avançado para uma compreensão de vontade em um sentido extremamente amplo, o homem pode escolher seu caminho e se distanciar de Deus, mas ao agir de tal forma, corrompe sua natureza.

Ao responsabilizar a vontade corrompida pelo pecado, Agostinho purga toda criação do mal imanente e direciona todo o olhar para o interior do homem e constrói a “estrutura de onde vai surgir indubitavelmente, a liberdade, que é reflexo do pensar racional do homem que direciona à vontade para o divino”. (SOARES, 2022, p. 333)

Quando o homem se vale de sua vontade para fruir do mundo, entregando-se ao amor desregrado e desordenado por tudo aquilo que não é o fim em si mesmo, ao invés de seguir pelo caminho que pode libertá-lo, avança pelo seu oposto, agrilhoando-se ao mundo corpóreo, onde a traça e a ferrugem corroem. [...] Umbilicalmente ligada a ideia de liberdade está o importante papel do amor, que para Agostinho pode se desenrolar de suas maneiras, enquanto uso e enquanto fruição. O homem ama(frui) algo enquanto fim em si mesmo, ou ama(usa) enquanto meio para se chegar ao derradeiro fim. A vontade é o que permite que o homem direcione seu amor, que escolha o que deve ser amado (usado ou fruído), e neste caminho, com o auxílio da filosofia e iluminado por Deus, ele se torna capaz de conhecer a ordem do mundo, que advém da Lei eterna que é Deus. Compreendendo a ordem do universo, o homem percebe o que é inferior e o que é superior, entende o que deve ser usado e o que deve ser fruído, e assim sabe como manejar sua vontade para uma ou outra forma de amar. (SOARES, 2022, p. 334)

Toda a ampla estrutura do pensamento de Agostinho se interliga “em vista destes dois caminhos que se abrem aos homens, com base nos dois amores – Caridade ou Concupiscência - surgem as duas cidades (de Deus e dos Homens) [...]”. (SOARES, 2022, p. 334)

O estudo avança ao afirmar, que no pensamento de santo Agostinho, a ideia de liberdade surge da relação entre Deus e o Homem, onde este último utiliza-se do livre arbítrio que lhe foi outorgado por Deus, para direcionar-se para esse mesmo Deus, almejando a beatitude (contemplação e fruição de Deus). Sem esse elemento teleológico - o retorno e a contemplação de Deus - que resume a ideia de beatitude, não há liberdade para o Homem, mas simplesmente a concupiscência de uma vontade deturpada. (SOARES, 2022, p. 334-335)

Desta compreensão se extrai que a liberdade é a vontade direcionada a Deus, e não é possível “equivaler o livre arbítrio com liberdade, pois faltaria um elemento de grande importância, que é a segurança [...]” (SOARES, 2022, p. 335), no sentido oposto, “[...] voltando sua vontade para o que é eterno, ou seja, para Deus, não há possibilidade de perda, e com isso se tem a verdadeira liberdade, assim como a verdadeira felicidade, a verdadeira sabedoria”. (SOARES, 2022, p. 335)

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, S. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1980.
- AGOSTINHO, S. *A Trindade*. Patrística ed. São Paulo: Paulus, 1994.
- AGOSTINHO, S. *O Livre-arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1995.
- AGOSTINHO, S. *A Cidade de Deus*. Vol. 1 (I-VIII). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- AGOSTINHO, S. *Solilóquios: A vida feliz*. São Paulo: Paulus, 1998.
- AGOSTINHO, S. *A Cidade de Deus*. Vol. 2 (IX-XV). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- AGOSTINHO, S. *A verdadeira religião: o cuidado devido aos mortos*. São Paulo: Paulus, 2002. v. 19
- AGOSTINHO, S. *Comentário literal ao Gênesis – Sobre o Gênesis, contra os maniqueus – Comentário literal ao Gênesis, inacabado*. São Paulo: Paulus, 2005. v. 21
- BARACAT JÚNIOR, J. C.. *Enéadas I, II e III - Porfírio, Vida de Plotino*: introdução, tradução e notas de José Carlos Baracat Júnior. 2006. Tese de doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- BRANDÃO, B. G. dos S. L. A união da Alma com o Um na filosofia de Plotino. *Síntese - Rev. de Filosofia*, [S. l.], v. 36, n. 114, p. 87–105, 2009.
- BRAUDEL, F. História e Ciências Sociais: a longa duração. In: *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CHACON, D. R. de A. O conhecimento de Deus a partir da obra De Trinitate de Santo Agostinho. *Civitas Augustiniana*, [S. l.], v. 6, p. 129–164, 2017. DOI: <https://doi.org/10.21747/civitas/62017a4>.
- GILSON, É. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Discurso Editorial: Paulus, 2006.
- GRACIOSO, J. A dimensão teleológica e ordenada do agir humano em Santo Agostinho. *Trans/Form/Ação*, [S. l.], v. 35, p. 11–30, 2012.
- MARTIN DE BLASSI, F. G. Plotino y la novedad de su principio metafísico. *Franciscanum*, [S. l.], v. 63, n. 176, 2021. DOI: 10.21500/01201468.5193.
- MAYOS, G. *Macrofilosofia de la Modernidad*. Rota: dLibro, 2012.

PLATÃO. *Diálogos - Apologia de Sócrates, Critão, Menão, Hípias Maior e outros*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980. a. v. I–II

PLATÃO. *Diálogos - Protágoras, Górgias, O Banquete, Fedão*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980. b. v. III–IV

PLATÃO. *Diálogos - Timeu, Crítias, O segundo Alcibiades, Hípias Menor*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1986. v. XI

REALE, G. *Plotino e o Neoplatonismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

RODRIGUES, S. B. *Amor a partir de uma análise do Livro “A Trindade” de Santo Agostinho*. 2017. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, J. T. *Para ler Platão: alma, cidade e cosmos: Tomo III*. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

SESÉ, B. *Agostinho, o convertido*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

SILVA, F. R. Q.; FIGUEIREDO, F. C. Os conceitos de vontade e amor na Antropologia de Santo Agostinho. In: PEREIRA JÚNIO, A.; FREITAS, C. L. S.; BATISTA DA SILVA, N. C.; NUNES COSTA, M. R. (org.). *Confissões de Santo Agostinho: entre o humano e o divino*. Mossoró, RN: FCRN, 2021.

SOARES, G. dos R. *O Eterno o Humano e a Liberdade: a afirmação da ideia de liberdade pela via do livre-arbítrio no pensamento de Santo Agostinho*. 2022. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/49813>.

SOUZA LIMA, C. A Figura do Demiurgo no Timeu de Platão. *Páginas de Filosofia*, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 35–57, 2021. DOI: 10.15603/2175-7747/pf.v9n2p35-57.

TEIXEIRA, E. B. *Imago Trinitatis: Deus, sabedoria e felicidade: Estudo teológico sobre o De Trinitate de Santo Agostinho*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

VAHL, M. J. O paradoxo da liberdade em Santo Agostinho e o estatuto ontológico da vontade frente à presciência divina. *Intuição*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 32–45, 2015. DOI: 10.15448/1983-4012.2015.1.17324.

VAZ, H. C. de L. *Escritos de filosofia VIII - Platônica*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

VICENTE, F. *A moral como ponto de integração entre a finitude e a transcendência do homem, segundo Santo Agostinho*. 2010. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

Artigo Submetido em 12.10.2025 e aprovado em 01.11.2025.

Guilherme dos Reis Soares é Doutorando em Direito no Programa de Pós-graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestre em Direito e Justiça pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Pós-graduado em Direito Constitucional e em Direitos Humanos, Bacharel em Direito pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Pós-graduado em Inspeção Escolar, Pós-graduado em Historiografia Brasileira, Graduado em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Graduado em Geografia pela Universidade Cruzeiro do Sul de São Paulo, atualmente atua como Analista Inspetor da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. Pesquisador do grupo internacional de pesquisa “Direitos Humanos: Raízes e Asas”. <https://orcid.org/0000-0002-5536-5061>. E-mail de contato: guilhermedrs-soares@gmail.com.

Endereço: Avenida João Pinheiro, 100, Centro, Belo Horizonte, CEP: 30130180

Editor: Dr. Geraldo Luiz de Mori

Avaliadores: Maria Cecília Pedreira de Almeida e Patrícia Carvalho Reis.